



Do Silêncio à Liberdade

26 de Abril | Domingo

18h00 | Igreja Matriz de São Martinho do Bispo

Afonso Santana

violino

César Andrade

violino

Lara Paulo

viola de arco

Filipe Campos

violoncelo

Manuel Carvalheiro Dias

Prelúdio inicial

PROGRAMA

Felix Mendelssohn

(1809 - 1847)

Quarteto de cordas N° 2 em Lá menor

Op. 13

Quarteto de cordas N° 2 em Lá menor

O ano em que Beethoven morreu, 1827, foi também o ano em que os seus últimos cinco quartetos foram publicados. Devem ter sido como um raio na mente do jovem Felix Mendelssohn, que os estudou com avidez. Outro raio o atingiu mais ou menos na mesma época: apaixonou-se. A história não registou quaisquer detalhes sobre este episódio, nem sequer quem era a rapariga, mas ficaram alguns testemunhos significativos e a sua música.

Desse silêncio íntimo, o de quem sente demais e ainda não sabe como dizer, nasce, em junho, a letra e a música de uma canção intitulada Frage (Pergunta) escrita por Mendelssohn. Foi publicada como Op. 9, n.º 1, com um fictício “Voss” creditado pela letra, que diz:

“É verdade que me esperas sempre ali no caminho arborizado junto à pérgola de uvas, e perguntas ao luar e às estrelinhas por mim? É verdade? O que sinto só pode ser compreendido por alguém que o sinta comigo, e que me permaneça fiel para sempre.” Alguns meses depois de escrever a canção, Mendelssohn compôs o seu segundo quarteto de cordas. A canção está na base de todo o quarteto, como o próprio Mendelssohn sublinhou ao incluir a canção completa na edição publicada da obra.

Escreveu a um amigo: “A canção que enviei com o quarteto é o seu tema. Vai ouvi-la - com as suas próprias notas - no primeiro e no último andamentos, e em todos os quatro andamentos vai ouvir as suas emoções expressas. Se à primeira não te agradar, o que pode acontecer, toca-a novamente, e se ainda encontrares algo de ‘minueto’, pensa no teu amigo rígido e formal Felix com a sua gravata e o seu criado. Creio que exprimo bem a canção.”

Assim, Mendelssohn escreveu um quarteto sobre estar apaixonado, e não há nada de rígido, formal ou antiquado nele. Tão jovem como era, Mendelssohn já havia produzido uma série de obras-primas maduras, incluindo o Octeto e a Abertura de Sonho de uma Noite de Verão, mas nada nessas obras radiantes deixava antever o poder tempestuoso deste quarteto.

Esta transformação pode ser atribuída a uma combinação de amor precoce e dos últimos quartetos de Beethoven. Os ouvintes que conhecem esses quartetos reconhecerão muitos ecos deles na obra de Mendelssohn. É precisamente aí que o tema desta noite encontra a obra. O quarteto começa no silêncio, com um prólogo suave, contemplativo e suspenso, como quem retém a respiração antes de falar, em lá maior, cujo final cita a pergunta inicial da canção, *Ist es wahr?* (É verdade?). Esta mesma pergunta ecoa

nesse espaço quieto, ainda sem resposta. Mas o silêncio não dura. O padrão longo-curto-longo dessa frase está na base de muito do que se segue.

Está presente nos quatro andamentos, embora por vezes seja menos evidente ao ouvido do que no papel. Domina o tema principal do allegro que se segue, introduzido com um toque dramático: uma torrente de semicolcheias instala o clima de agitação, o anseio, o conflito. O que estava contido liberta-se. Depois as três vozes inferiores antecipam o tema, tal como a orquestra pode introduzir uma grande ária de ópera sugerindo o tema antes da diva o retomar. Um toque ainda mais operático é a cadência final do andamento, uma fórmula conclusiva comum nas árias de ópera desde Mozart (pense-se na célebre ária da Rainha da Noite no segundo ato de A Flauta Mágica). O que se passa entre estes momentos é um andamento de construção sólida sobre o anseio e o conflito, impulsionado pela dissonância e pelo contraponto intrincado.

No segundo andamento, tal como no primeiro, um prelúdio sereno e tranquilo em modo maior cede lugar a um movimento contrapontístico perturbador - desta vez uma fuga com um sujeito cromático. Soa muito moderno para 1827 e, ao mesmo tempo, arcaico e modal, como uma fantasia maneirista do século XVII (ou alguns andamentos dos últimos quartetos de Beethoven). É duplamente perturbador por ser ritmicamente desconcertante. Embora o ritmo de base seja ternário, o sujeito da fuga tem sete tempos, e a voz seguinte entra inesperadamente no momento em que a primeira atinge o sétimo tempo, como se a emoção resistisse a ser aprisionada em qualquer forma conhecida. O prelúdio regressa, e os seus elementos fundem-se com os da fuga, agora suavizados em modo maior.

O terceiro andamento tem também uma estrutura tripartida. Começa como um nocturno gracioso e sóbrio, mas depressa se evade para o reino das fadas, num daqueles scherzos cintilantes e esvoaçantes que Mendelssohn tinha sempre reservados. O nocturno regressa, mas as fadas e os raios de luar ficam com a última palavra.

O quarto andamento abre com outro recurso característico da ópera e dos últimos quartetos de Beethoven: um recitativo tempestuoso do violino sobre tremolos nas três vozes inferiores. Uma voz que finalmente fala sem reservas. O corpo principal do andamento evoca o clima do primeiro andamento e recorda literalmente o seu tema principal, bem como a fuga do segundo andamento, agora em ritmo binário em vez de ternário - mais uma surpresa rítmica que reúne todos os temas de todos os andamentos anteriores numa síntese que é, ela própria, um ato de liberdade. À medida que os temas dos diferentes andamentos se telescopam, o andamento dissolve-se na música que abriu o primeiro, e o quarteto termina com uma

citação da segunda parte de Frage - “O que sinto só pode ser compreendido por alguém que o sinta comigo, e que me permaneça fiel **para sempre.**” O silêncio inicial, cheio de dúvida e de amor não dito, transformou-se em algo partilhado. A pergunta não recebe uma resposta em palavras, recebe uma resposta em música. E talvez seja essa a única liberdade verdadeira: a de ser completamente compreendido. Mendelssohn parece dizer-nos que acabámos de passar meia hora a escutar o que o amor significa para ele. Raramente se deixou ver tanto pelos seus ouvintes.

Howard Posner, in LA Phil

Felix Mendelssohn Bartholdy | (1809-1847)

Felix Mendelssohn Bartholdy, que desde criança compunha a uma velocidade impressionante, possuía um enorme talento musical. Depois de ter alcançado uma extraordinária destreza como pianista, sob a orientação de virtuosos como Johann Nepomuk Hummel e Ignaz Moscheles, apresentou-se em público já aos nove anos como solista, interpretando, entre outras obras, o Concerto militaire de Jan Ladislav Dussek.

Felix Mendelssohn nasceu em Hamburgo no seio de uma família respeitada e abastada, que se mudou para Berlim em 1811 devido à ocupação francesa da cidade hanseática. Os seus pais converteram-se ao protestantismo, e aos sete anos Felix foi baptizado juntamente com os seus três irmãos, passando desde então a usar o apelido Bartholdy.

Felix recebeu aulas de piano e violino a par com a sua irmã Fanny, antes de ingressar na Singakademie de Berlim, onde estudou música religiosa sob a direcção de Carl Friedrich Zelter e assistiu às conferências de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Em 1822 foram instituídos os «domingos musicais» dos Mendelssohn, concertos domésticos em que as crianças, juntamente com membros da orquestra da corte real, interpretavam tanto clássicos do repertório camerístico como um grande número de obras do jovem Felix. O seu primeiro sucesso incontestável chegou com a abertura para Sonho de uma Noite de Verão de Shakespeare.

Mendelssohn destacou-se igualmente como maestro. Em 1829 dirigiu a *Paixão Segundo São Mateus* de Johann Sebastian Bach — um concerto de enorme relevância histórica, porquanto a música de Bach havia praticamente desaparecido da vida concertística após a sua morte. A interpretação de Mendelssohn deu origem a um verdadeiro renascimento de Bach. Após extensas viagens de formação a Inglaterra e a Itália, o compositor foi nomeado Director Musical da cidade de Düsseldorf. Na temporada de 1835/36 assumiu a direcção da Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, com a qual, para além de numerosas obras de Bach, Weber, Beethoven e Schumann, dirigiu também a estreia póstuma da Sinfonia em Dó maior «A Grande» de Franz Schubert — uma programação de cariz verdadeiramente progressista. Foi igualmente vanguardista ao considerar que, enquanto maestro, devia conduzir pessoalmente todo o período de ensaios, em vez de o delegar no concertino. Por isso é considerado o primeiro maestro no sentido moderno do termo.

Os últimos anos em Leipzig — onde, em 1843, Mendelssohn fundou o Conservatório, a primeira escola superior de música da Alemanha — ficaram marcados por inúmeras viagens. O compositor nunca se recuperou da morte inesperada da sua irmã Fanny, em Maio de 1847: após uma breve e grave doença, com várias lesões cerebrais, morreu a 4 de Novembro de 1847 em Leipzig.



Afonso Santana | Violino

Nascido em 2003, Afonso Santana natural de Lisboa encontra-se a frequentar o 2º ano da Licenciatura em Música - variante de Violino - na classe do professor Roberto Valdés, no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Terminou, em 2024, o 8º grau de violino na Escola Artística do Instituto Gregoriano de Lisboa na classe do Professor Miguel Gomes.

Iniciou os seus estudos musicais na Orquestra Geração – projecto especial da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional.

Laureado em concursos como o Concurso Interno do Instituto Gregoriano de Lisboa (1º prémio); Finalista do Concurso Jovem dos Conservatórios Oficiais de Música (2022, 2023); Concurso Vecchi Costa da Academia Musical dos Amigos das Crianças (3º prémio); entre outros.

Colaborou com a Orquestra Sinfónica Juvenil (temporada de 2023-2024); participou em três edições da Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música (edições de 2022, 2023, 2024); Orquestra Alma Mater; Ensemble Ephemero (temporadas de 2022-2023, 2023-2024, 2024

2025 e 2025-2026); Orquestra Juvenil Geração (2014-atualmente); Side-by-Side com a Orquestra Gulbenkian no Prémio Humanidade; entre outros. Trabalhou com diversos maestros como Ulysses Ascanio, Jesús Olivetti, Pedro Neves, Jan Wierzba, Christopher Bochmann, Jorge Camacho, Luís Carvalho, Pablo Urbina, entre outros.

Teve a oportunidade de tocar em salas como o Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, Casa da Música, Tonhalle de Zurique, Sé de Lisboa, Teatro Aveirense, Teatro Circo, entre outros.

Participou em masterclasses com os professores Liviu Scripcaru, Roberto Valdés, Elicia Silverstein, Alejandro Bustamante, Vítor Vieira e também em música de câmara com os professores Paulo Pacheco, Irene Lima, António Chagas Rosa, Jorge Alves e o Quarteto de Matosinhos.



César Andrade | *Violino*

Nascido em 2006, César Andrade Alves encontra-se a frequentar o 1º ano da Licenciatura em Música em violino, na classe do Professor Roberto Valdés, no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Terminou, em 2025, o Curso Secundário de Música na Escola Artística do Instituto Gregoriano de Lisboa na classe do Professor Marcos Lázaro, com 20 valores na Prova de Aptidão Artística.

Terminou com média de 19, o Curso Básico de Música na Academia Musical dos Amigos das Crianças (AMAC) na classe da Professora Ana Margarida Sanmarful, tendo começado o seu percurso orquestral na Orquestra Juvenil da AMAC, a convite especial do Maestro Alexandre Delgado, tendo também dado iniciação à composição de forma informal no terceiro grau, sétimo ano.

Já trabalhou com Professores renomados como Roberto Valdés (DeCA - UA); Lúcia Soares (EAIGL); Vítor Vieira (ESMAE); Tiago Neto (ESML); Karen Su (École Supérieur des Arts - Mons); Michael Foyle (HfMT Köln); Alexandra Tirsu; Alejandro Bustamante; Elicia Silverstein; Augusto Trindade (ESART); Elisabeth Weber (Musikhochschule Lübeck), entre outros.

Convidado a participar no 7º Festival de Música Internacional BAMA em Lodz (Polónia), com bolsa de estudos total. Tendo participado na Mühlendorfer Sommerakademie 2025, tendo tido a oportunidade de estudar com a Professora Elisabeth Weber durante 10 dias intensos na Baviera.

Laureado em alguns concursos de importância regional, incluindo o Concurso Interno do Instituto Gregoriano de Lisboa (1º prémio, Maio 2023); Finalista do Concurso Jovem dos Conservatórios Oficiais de Música 2024, em Loulé; Tomás Borba Concurso de Cordas em Abril de 2025 (2º Prémio); entre outros.

Como instrumentista orquestral já integrou orquestras como a Jovem Orquestra Portuguesa (membro efetivo nas emporadas de 2023-2024, 2024-2025 e 2025-2026); a Orquestra Filarmónica Académica Portuguesa (como membro efetivo nas temporadas de 2023-2024 e 2024-2025); participou em três edições da Orquestra Jovem dos Conservatórios Oficiais de Música como chefe de naipe e membro dos primeiros violinos (edições de 2023, 2024 e 2025); membro do naipe de primeiros violinos na European Youth Orchestra Academy 2024, que teve lugar em Mannheim; membro da Orquestra Sinfónica Juvenil desde 2022 até 2025. Já trabalhou com solistas como, Kirill Troussov, Xavier de Maistre, Benedict

Kloeckner, Alexandra Trousova, Raul da Costa, Pavel Gomziakov, entre outros.

Já teve a oportunidade de ser dirigido por Maestros como, Pedro Carneiro, Christoffer Bochmann, Jan Wierzba, Robert Houlihan, José Maria Moreno, Alexandre da Costa, Pablo Urbina, Luís Carvalho, Jan-Paul Reicke, José Eduardo Gomes, Miguel Sepúlveda, Alexandre Delgado, Constança Simas, entre outros.

Já se apresentou nas maiores salas do país, como a Casa da Música, Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São Luís, Theatro Circo em Braga, Teatro das Figuras em Faro, entre outros, tendo também tocado em salas internacionais, como o Kultur Palais em Kassel, Konzerthaus em Berlim e Rosengarten em Mannheim.

No campo da música de câmara trabalhou com Irene Lima, António Chagas Rosa, Paulo Pacheco e Jorge Alves.



Lara Paulo | *Viola de arco*

Lara Lopes Paulo, nascida a 12 de dezembro de 2007, natural do Pego, Abrantes, reside actualmente em Torres Novas. Frequenta o primeiro ano da Licenciatura em Música, variante de Viola de arco, na classe do Professor António Pereira, na Universidade de Aveiro.

Iniciou os seus estudos musicais com 10 anos de idade (2018), na classe da professora de violino e viola de arco Dulce Félix, vindo a integrar a classe da professora Bárbara Bernardino, de 2021 a 2025.

A nível pedagógico frequentou masterclasses com a violetista Sofia Sousa no Conservatório de Música David Sousa (2019), no estágio de verão ZêzereArts com o professor Jorge Alves (2022), e com o professor António Pereira no Conservatório de Música de Santarém (2025). Frequentou também o Workshop “Dias das Cordas Friccionadas” dinamizado pela Sociedade Artística e Musical dos Pousos- SAMP e estágios como o o Estágio para Jovens Instrumentistas Torrejanos- EJIT (2023 e 2024), ZêzereArts (2022 e 2024) e Ensemble (2025). Integrou a Orquestra

Académica Filarmónica Portuguesa (2024/25) e é atualmente membro da Jovem Orquestra Portuguesa (2023, 2023/24, 2024/25, 2025/26), através da qual participou no YoungEuroClassic'24.

A nível de orquestras trabalhou com as orquestras ARS LUSITANAE, Ouriensemble, Orquestra de Câmara da Associação Cultural Riba'Tagus Music Studium, Orquestra Jovem do ZêzereArts, Orquestra do ZêzereArts, Orquestra do DeCA (UA) e Jovem Orquestra Portuguesa- JOP. Das suas participações em orquestra, contactou com maestros como João Paulo Fernandes, Alberto Roque, Brian Mackay, Pedro Carneiro, Henrique Constância, Diogo Costa, Vasco Ferrão, José Rodrigues, Pablo Urbina, Cesário Costa, António Lourenço, Luís Carvalho, João Ramos e com a maestrina Rita Castro Blanco.



Filipe Campos | Violoncelo

Filipe Campos iniciou os seus estudos de violoncelo em 2019 na Escola Profissional de Artes de Mirandela (ESPROARTE), sob a orientação do professor Paulo Cepêda. Atualmente frequenta a Universidade de Aveiro, onde prossegue a sua formação em violoncelo com o professor David Cruz. Ao longo do seu percurso musical, participou em diversas orquestras, nomeadamente a Aproarte, a Orquestra Filarmónica Portuguesa Académica, a Orquestra da EPABI, nas comemorações do seu 30.º aniversário, e, mais recentemente, a Jovem Orquestra Portuguesa (JOP). Colaborou ainda com músicos de reconhecido mérito, como Pedro Carneiro (maestro), Benedict Kloeckner (violoncelista solista), Aldo Mata (professor de violoncelo) e Roberto Valdés (professor de violino), entre outros.



Próximo concerto

Em data a anunciar



academia.martiniana



Academia Martiniana



@AcMartiniana

